



GASTON BACHELARD E MICHEL FOUCAULT: A LINGUAGEM, O TEMPO E O ESPAÇO

André Fabiano Voigt*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

voigtandre@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende trazer elementos para comparar o pensamento de Gaston Bachelard e de Michel Foucault acerca da linguagem na literatura, relacionada às noções de tempo e de espaço. Ambos os autores possuem convergências e divergências significativas quanto a este debate filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Bachelard, Gaston – Foucault, Michel – Literatura.

ABSTRACT: This article aims to bring elements to compare the thought of Gaston Bachelard and Michel Foucault on language in literature, related to the notions of time and space. Both authors have significant convergences and divergences on this philosophical debate.

KEYWORDS: Bachelard, Gaston – Foucault, Michel – Literature

1

Gaston Bachelard e Michel Foucault são sempre citados como filósofos que dialogam a partir das ideias e conceitos da história das ciências – juntamente com Alexandre Koyré e Georges Canguilhem, por exemplo. Pouco explorado, contudo, é o diálogo que se pode estabelecer entre ambos em outro ponto: *o da linguagem na literatura*.

Em alguns de seus estudos, Bachelard tece uma série de considerações relevantes acerca da palavra literária, em sua relação com o espaço e o tempo. Se traçarmos um paralelo com alguns estudos de Foucault sobre a linguagem e a literatura,

* Professor Adjunto do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Artigo vinculado ao projeto **A imaginação em Bachelard: entre o olho e a mão**, financiado pelo Edital FAPEMIG 21/2008.

é possível fazer um interessante quadro das convergências e divergências entre ambos no que diz respeito à linguagem literária.

Começemos, portanto, com as considerações de Bachelard acerca do tempo.

2

Em seus dois livros escritos na década de 1930 acerca do tempo, Bachelard tem uma intenção clara: a de estabelecer uma crítica à concepção do tempo como *duração*, pleiteada por Henri Bergson.¹ De um modo bem simplista, poder-se-ia descrever a noção bergsoniana de duração como uma multiplicidade de estados da consciência, na qual não seria possível fazer uma separação entre os estados presente e os anteriores, estabelecendo, portanto, uma continuidade entre eles. Qualquer distinção possível entre dois momentos no tempo, para Bergson, emprega, mesmo que sub-repticiamente, a ideia de espaço.² Para contrapor os argumentos de Bergson, Bachelard afirma – inspirado pelo historiador Gaston Roupnel – que a verdadeira realidade do tempo não é a duração, mas sim, o *instante*.³ Para compreender melhor a tese bachelardiana, o próprio autor demonstra a dificuldade que teve em assimilar tal realidade. Inicialmente, quis conciliar ambas as noções, formando o que chama de “bergsonismo fragmentado”. Em outras palavras, Bachelard chegou a considerar a hipótese de compreender o instante como um fragmento do contínuo bergsoniano,⁴ como se o instante fosse tão somente o átomo temporal que conservasse em si mesmo uma duração. Entretanto, Bachelard repara seu provável engano, ao afirmar que, dessa forma, seria impossível capturar a novidade do instante:

[...] não é o ser que é novo num tempo uniforme, é o instante que, renovando-se, remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial do devir.⁵

Assim, Bachelard assevera que o instante salvaguarda sua individualidade, por sua imposição como novidade, discordando da hipótese da mudança em um tempo uniforme. Além disso, o autor encontra apoio em sua crítica a Bergson justamente em

¹ Ver, sobre o assunto: BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Ed. 70, 1988; BERGSON, Henri. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Estes livros foram escritos pelo autor respectivamente em 1889 e 1922.

² Id., 1988, op. cit., p. 72-74.

³ BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. Campinas: Verus, 2007, p. 29.

⁴ Ibid., p. 31.

⁵ Ibid.

sua leitura da teoria da relatividade de Einstein, a qual também foi analisada por Bergson em **Duração e Simultaneidade**. Bachelard dá-nos um exemplo:

[...] fazendo uma viagem de ida e volta no espaço a uma velocidade alta o bastante, reencontraríamos a Terra envelhecida alguns séculos, ao passo que teríamos marcado apenas algumas horas no relógio que levamos na viagem.⁶

Para o filósofo, a relatividade se dá no *lapso de tempo para sistemas em movimento*, sendo impossível, destarte, dissociar a relatividade temporal da intervenção de condições físicas e outras, reduzindo-as a “dados da consciência”, como pretende Bergson. O instante é, em seu estado sintético, um ponto do espaço-tempo. Por isso, a leitura que Bachelard faz da teoria da relatividade de Einstein questiona a ideia bergsoniana de duração – que se apoia em uma noção pura de tempo não-especializado.

Da mesma maneira, Bachelard lança, antecipadamente, um contra-argumento aos defensores de um provável “bergsonismo fragmentado”:

Dir-nos-ão que o nada do tempo é precisamente o intervalo que separa os instantes verdadeiramente marcados por acontecimentos. [...] Se necessário admitirão, para melhor nos derrotar, que os acontecimentos têm nascimento instantâneo, que são mesmo, se necessário, instantâneos, mas reivindicarão um intervalo dotado de existência real para distinguir os instantes. Querirão fazer-nos dizer que esse intervalo é verdadeiramente o tempo, o tempo vazio, o tempo sem acontecimentos [...] Nós, porém, nos obstinaremos em afirmar que o tempo nada é se nada acontece.⁷

Não há, para o autor, a possibilidade de compreender um tempo puro, vazio, sem espaço, sem movimento, sem acontecimento. Ao invés de se acreditar em um fracionamento da duração contínua, Bachelard defende a “aritmetização temporal”, explicada por um outro modo de ler as frações matemáticas. Os partidários da continuidade partem do numerador – como se tratasse de uma quantidade homogênea e contínua – dividindo-a pelo denominador. O autor, por outro lado, parte do denominador, que é a “marca da riqueza de instantes do fenômeno”, e quantas vezes ele é atualizado, dando, assim, o numerador da fração.⁸ Dessa forma, a descontinuidade para Bachelard é caracterizada não pela fragmentação da continuidade, mas sim, pela *repetição* dos instantes, formando *ritmos*. Os ritmos entre os instantes seriam o que

⁶ BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. Campinas: Verus, 2007, p. 33-34.

⁷ Ibid., p. 42.

⁸ Ibid., 46-47.

chama de “continuidade do descontínuo”⁹, caracterizando um tempo espacializado e em movimento.

Em seu livro **A Dialética da Duração**, Bachelard procura desenvolver melhor a ideia de ritmo – a partir das considerações que realizou em seu livro anterior acerca da ideia de instante – de modo a estabelecer um contra-argumento à dialética entre o instante e o intervalo.

A tese principal sustentada pelo autor nesse livro é a de que

[...] longe de os ritmos serem necessariamente fundados numa base temporal bem uniforme e regular, os fenômenos da duração é que são construídos com ritmos. [...] Para durarmos, é preciso então que confiemos em ritmos ou seja, em sistemas de instantes.¹⁰

Como seria possível construir ritmos com os instantes? Bachelard responde com a necessidade inicial de se isolar os começos – não as origens – estabelecendo o que chama de “doutrina dos começos”, de modo a notar os ritmos construídos em suas repetições:

Para ensiná-la [a “doutrina dos começos”] em todas as suas dimensões, para possuir um conhecimento verdadeiramente completo a seu respeito, é preciso isolar o começo, tomá-lo como um acontecimento puro. Em outras palavras, temos necessidade do conceito de instantâneo para empreender uma psicologia do começo.¹¹

É importante salientar, desde então, que o *acontecimento*, para Bachelard, é produto do *instante*, como ele mesmo denota em seu estudo:

É preciso que a reflexão construa tempo ao redor de um acontecimento, no próprio instante em que o acontecimento se produz, para que reencontremos esse acontecimento na recordação do tempo desaparecido.¹²

Ao mesmo tempo em que é produto do instante, o acontecimento não apresenta uma continuidade com nossas recordações:

[...] o acontecimento vem assim ao mesmo tempo satisfazer e frustrar nossa espera, justificar a continuidade da localização racional vazia e impor a descontinuidade das recordações empíricas. [...] Contradizendo-nos, o acontecimento se fixa em nosso ser.¹³

⁹ BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. Campinas: Verus, 2007, p. 70.

¹⁰ BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988, p. 8-9.

¹¹ Ibid., p. 45-46.

¹² Ibid., p. 49.

¹³ Ibid., p. 49-50.

Por isso, qualquer perspectiva de esquematizar os acontecimentos em uma pretensa continuidade torna-se, na visão do autor, frustrada pela própria descontinuidade da memória e pela artificialidade da duração, sobretudo quando se procura nos acontecimentos alguma *relação causal*:

Não é porque ignoramos o que irá intervir que deixamos de prever a eficácia absoluta de uma causa dada; é porque, da causa ao efeito, há uma intervenção totalmente probabilística de acontecimentos que não estão, de maneira nenhuma, ligados ao dado causal.¹⁴

Donde a necessidade de estabelecer ritmos – e não durações – entre os instantes, contrariando a ideia que, entre os instantes, há intervalos onde o tempo se desenrola, no qual seria possível encontrar causas para os acontecimentos e uma linearidade em nossas recordações. Para Bachelard, não há tempo no vazio dos acontecimentos; os próprios acontecimentos – em sua descontinuidade – são o tempo. Portanto, Bachelard inspira-se no trabalho de Lúcio Pinheiro dos Santos acerca da ritmanálise para pensar o humano em sua relação com o tempo. A ritmanálise seria, na concepção de Bachelard, uma terapêutica: um modo de não se prender a “durações malfeitas”, mas sim, de conduzir a uma “vida rítmica”, em harmonia, buscando a “síntese do ser na sintonia do devir”.¹⁵ Assim, Bachelard dá a sua resposta à ideia bergsoniana de duração, inserindo a noção de espaço – atuando em conjunção com o tempo –, atribuindo ao instante a verdadeira realidade do tempo.

3

Embora tenha escrito esses livros ainda na década de 1930, o filósofo francês aplica seu debate acerca do tempo na análise literária de modo mais concreto somente a partir de seu livro **A Poética do Espaço**, em 1957.

Em sua proposta de analisar as imagens poéticas a partir de noções e conceitos da psicanálise e, sobretudo, da fenomenologia, Bachelard aponta para a necessidade de uma *topoanálise*, ou, nas palavras do autor, “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima”.¹⁶ Mais adiante, recupera um pensamento que teria realizado em **A Dialética da Duração**, quando procura, nas imagens literárias, o encontro do tempo descontínuo da memória com seu espaço relativo:

¹⁴ BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988, p. 81.

¹⁵ Ibid., p. 9-10.

¹⁶ Id. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 28.

Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não podemos reviver as durações abolidas. [...] É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. [...] Localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação de biógrafo e corresponde praticamente apenas a uma espécie de história externa, uma história para uso externo, para ser contada aos outros.¹⁷

Precisamos, neste momento, fazer uma breve pausa para buscar um esclarecimento sobre a noção de espaço aqui descrita por Bachelard. Seria muito fácil, entre historiadores, remeter a noção bachelardiana de espaço às reflexões de Fernand Braudel acerca das estruturas de longa duração presentes nos lugares, a “história quase imóvel, a do homem em suas relações com o meio que o cerca”.¹⁸ Não acreditamos que seria possível aproximar a noção de espaço de Bachelard com a de Braudel por um simples motivo: a noção bachelardiana de espaço não estaria ligada à continuidade das estruturas na relação do homem com seu meio, mas sim, à descontinuidade das recordações individuais transformadas em literatura. Ora, Braudel é um historiador das longas durações, das lentas continuidades e, por isso, está muito mais próximo de Bergson que de Bachelard no que tange à sua noção de temporalidade. O espaço é, para Bachelard, a materialização da memória atávica, de uma memória arraigada – e não de uma memória social. A espacialização das recordações é construída, contudo, em um ritmo constante entre a memória e a imaginação, no qual a história que privilegia a continuidade e a linearidade não encontraria seu lugar. Em seu livro **A Poética do Devaneio**, de 1961, expõe melhor como se daria este jogo, por meio da *poético-análise*:

A poético-análise deve devolver-nos todos os privilégios da imaginação. A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. [...] Portanto, as teses que queremos defender neste capítulo visam todas a fazer reconhecer a permanência, na alma humana, de um núcleo de infância, uma infância imóvel, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada de história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação – ou seja, nos instantes de sua existência poética.¹⁹

¹⁷ BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 28-29.

¹⁸ BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Filipe II. In: _____. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 13.

¹⁹ BACHELARD, 2006, op. cit., p. 94.

Vemos que, nesta passagem, Bachelard coloca as recordações reimaginadas da infância “fora da história”. É claro que o autor faz uma crítica à história, mas que espécie de história ele critica? Parece-nos que a história aqui criticada por Bachelard é a que atribui uma pretensa continuidade entre o nosso passado e a lembrança que temos dele, a que atribui uma pretensa objetividade à narração que fazemos do passado, datando os fatos e colocando-os em uma série cronológica. Essa história é a que se pretende científica, ao colocar a continuidade do passado como elemento-base de sua verdade. O espaço bachelardiano foge à objetividade do historiador-cientista, uma vez que sua existência não está na duração, mas no instante da criação poética, em que tempo e espaço são indissociáveis e, simultaneamente, formam algo singular.

Em seus últimos escritos, organizados e publicados postumamente sob o título de **Fragmentos de uma Poética do Fogo**, o filósofo trata novamente da poético-análise, reivindicando à palavra literária uma temporalidade que não se encontra nem nos cronômetros, nem na duração bergsoniana, mas no ritmo criado entre as profundezas e as alturas, entre as imagens do passado e os impulsos para o futuro, entre a psicanálise e a fenomenologia:

Um dos atos mais diretos da linguagem pode ser encontrado na linguagem que imagina. Ao sonhar com a abundância de imagens poéticas, o fenomenólogo pode revezar com o psicanalista. Até, talvez, um dimétodo unindo dois métodos contrários, um voltando para trás, o outro assumindo as imprudências de uma linguagem não vigiada, um dirigido para as profundezas, o outro para as alturas, ofereceria oscilações úteis, ao encontrar o elo entre as pulsões e a inspiração, entre aquilo que empurra e aquilo que aspira.²⁰

Nesses escritos, o autor chega a reivindicar para a imagem poética uma independência das “servidões da significação”, instituindo-a como um “Reino da linguagem”:

[...] a Poesia é um Reino da linguagem. O Reino poético não está mais em continuidade com o Reino da significação. Ele se estabelece, portanto, acima das oscilações do significante e do significado que o psicanalista é obrigado, por seu ofício de deslindador de enigmas, a medir.²¹

Por isso, acredita que a escrita não é o encontro da palavra com seu significado, mas sim, seu *desencontro*:

²⁰ BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 45.

²¹ Ibid., p. 34.

A escrita é, de alguma maneira, uma dimensão que desapruma a palavra. A imagem literária é um verdadeiro relevo mais acima da linguagem falada, da linguagem entregue às servidões da significação.²²

Desta forma, Bachelard defende que a novidade da imagem literária não está em continuidade com seu passado, levantado pelos arqueólogos, mitólogos e historiadores. Bachelard, ao longo de seus **Fragmentos de uma Poética do Fogo**, realiza uma série de comparações entre as imagens mitológicas da Fênix e de Prometeu, tal como são explicadas pelos mitólogos e arqueólogos, contrastando com a recriação literária destes seres por poetas. A partir destas comparações, o autor procura reafirmar a tese que a imaginação poética não coincide com a investigação do passado psicanalisado das imagens, nem com a análise da estrutura social e cultural dos mitos. A criação literária está em *descontinuidade* com sua significação:

Não se recebe verdadeiramente a comunicação de uma imagem poética se não se aceita essa imagem como uma exaltação psíquica particular, como uma *metamorfose do ser da Palavra*.²³ (Grifo do autor.)

É o momento de colocar uma indagação. Seria essa “metamorfose do ser da Palavra”, essa independência da linguagem literária colocada por Bachelard, um pensamento retomado por Michel Foucault quando este trata, em seu livro **As Palavras e as Coisas**, da emergência do “ser da linguagem” na literatura, tal como ela se constitui no século XIX?²⁴

A partir deste ponto, vejamos brevemente a abordagem de Foucault para tentar responder a esta pergunta.

4.

Antes de chegar à conhecida expressão cunhada por Foucault em **As Palavras e as Coisas** – o “ser da linguagem” – vamos fazer uma pontual prospecção do texto **Linguagem e literatura**, oriundo de uma conferência realizada pelo autor em Bruxelas, dois anos antes de publicar o livro. A anterioridade cronológica é, nesse caso, um mero detalhe – esta conferência poderia ter sido feita depois de **As Palavras e as Coisas**.

²² BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 34.

²³ Ibid.

²⁴ FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 58-61.

Escolhemo-la por ser o *acontecimento* no pensamento de Foucault que nos interessa aqui. Concentraremos nossa análise em três pontos.

Em primeiro lugar, destacamos um momento de sua argumentação, em que o autor aponta as análises literárias realizadas até o momento de sua conferência (1964) como passíveis de serem reagrupadas em duas direções: de um lado, um conjunto de análises que procura as relações entre os signos pelos quais as obras designam a si próprias, ou seja, que busca as “estruturas significativas e significantes da obra”; de outro, as análises que investigam a espacialidade da obra.²⁵

Ao comentar a segunda vertente, faz uma interessante observação:

Durante muito tempo, considerou-se, sem dúvida por várias razões, que a linguagem tinha um profundo parentesco com o tempo, visto que a linguagem é essencialmente o que permite fazer uma narrativa e, ao mesmo tempo, uma promessa. [...] Pode-se dizer que, de Herder a Heidegger, a linguagem como logos sempre teve a nobre função de guardar, vigiar o tempo [...]

Acredito que ninguém tenha pensado que a linguagem não é tempo, mas espaço, a não ser Bergson, de quem eu não gosto muito, mas sou obrigado a reconhecer ter tido essa ideia. O problema é que ele tirou disso uma consequência negativa, ao dizer que se a linguagem era espaço e não tempo, pior para ela.²⁶

Foucault faz aqui a referência à ideia de *duração* em Bergson, quando este assevera que, para poder pensar e expressar o tempo, era necessário desembaraçar a linguagem daquilo que era pesadamente espacial.²⁷ Foucault, mais adiante, faz uma afirmação ainda mais contundente acerca da linguagem:

De fato, o que se está descobrindo hoje, por muitos caminhos diferentes, além do mais quase todos empíricos, é que a linguagem é espaço. Tinha-se esquecido isso simplesmente porque a linguagem funciona no tempo, é a cadeia falada que funciona para dizer o tempo. Mas a função da linguagem não é o seu ser: se sua função é o tempo, seu ser é o espaço.²⁸

O ser da linguagem é espaço? Ora, o ponto da partida para esta afirmação de Foucault não seria o debate realizado por boa parte da obra bachelardiana acerca do tempo e da literatura? É justamente a partir da crítica que Bachelard faz da duração

²⁵ FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005, p. 162; 167.

²⁶ Ibid., p. 167.

²⁷ Ibid. Ver citação referenciada na nota de rodapé 2 deste artigo.

²⁸ Ibid., p. 168.

bergsoniana que estabelece a necessidade de vincular o tempo ao espaço, concluindo que o instante seria a verdadeira realidade do tempo.

Um segundo aspecto relevante da conferência de Foucault estaria no destaque atribuído pelo autor ao “acontecimento da obra de Mallarmé”, a partir do qual teria sido possível formular a pergunta “O que é a literatura?”, situando a própria literatura como um acontecimento muito mais recente que a linguagem. Ao tratar das imagens presentes nos textos de Mallarmé – sobretudo a referência ao jogo poético entre a asa e o leque – Foucault sustenta que:

Esse espaço ambíguo dos objetos em Mallarmé, que desvelam e ocultam, é provavelmente o próprio espaço das palavras, de Mallarmé, o próprio espaço da palavra. A palavra, em Mallarmé, se desdobra, envolvendo, ocultando, sob sua exibição, o que ela está dizendo. Ela está redobrada na página em branco, ocultando o que tem a dizer e, ao mesmo tempo, faz surgir, nesse próprio movimento em que volta sobre si mesma, na distância, o que parece irremediavelmente ausente.²⁹

Poderíamos aproximar a argumentação de Foucault às considerações que Bachelard esboça em seus **Fragmentos de uma Poética do Fogo**, quando, ao também citar Mallarmé e seu poema que possui uma imagem da Fênix presente e, ao mesmo tempo, ausente no poema – que usa a palavra Fênix também para rimá-la com a palavra ônix³⁰ – assevera que

Explicar a linguagem poética em termos de linguagem comum é menosprezar os valores específicos. É preciso entrar no reino poético para tornar-se sensível à sua coerência. De fato, a fênix não cessa de viver, de morrer e de renascer em poesia, pela poesia, para a poesia. [...] E estou certo de que a cada poeta novo corresponde a uma nova fênix, um ser feniceano extraordinário. [...] Em literatura, a fênix renasce/de um nada/ da cinza de uma pena/ da sonoridade de sua última sílaba/ como quando o poeta tem necessidade de encontrar uma rima para ônix.³¹

²⁹ FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005, p. 172.

³⁰ Citaremos, a título de ilustração, o poema de Mallarmé referenciado por Bachelard traduzido para o português: “Suas puras unhas muito alto homenageando seu ônix, / A Angústia, este minuto, sistem, lampadoforos, / Muito sonho vespertino queima pela Fênix / Que não recolhe a cinerária ânfora / Sobre o aparador, no salão vazio[...]”. BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 47.

³¹ Ibid., p. 46-47.

Não chegaríamos a uma concepção aproximada de linguagem literária que, ao repetir as mesmas imagens, “apaga tudo o que foi dito e, ao mesmo tempo, o aproxima o mais possível de si mesma para recuperar a essência da literatura”?³²

Vamos ao terceiro e último ponto de **Linguagem e literatura**: Foucault situa, de modo ocorrencial, a emergência da literatura no desaparecimento da retórica. A partir do final do século XVIII, a retórica, que estava encarregada de dizer as regras e etapas a serem cumpridas para a composição uma bela obra de linguagem, desapareceu. A partir de então, a literatura fica encarregada de “definir os signos e os jogos pelos quais ela vai ser, precisamente, literatura”.³³ Mas a linguagem literária não será ordenada do mesmo modo que a retórica: um tempo para o conteúdo e outro para a retórica. Ela será uma linguagem única, mas desdobrada, que contará a história ao mesmo tempo em que mostrará o que é a literatura. Por isso – ao contrário do que se poderia concluir a um primeiro momento – não haverá encontro absoluto entre obra e literatura, uma vez que há uma distância insuperável entre a linguagem e a literatura.³⁴

Ora, esse não seria um argumento próximo ao de Bachelard, quando afirma que a poesia é um “Reino da linguagem”, independente das “servidões da significação”? Bachelard não teria assinalado a morte da retórica em suas análises da criação poética e da palavra literária?

5

Analisaremos cada ponto de nossas indagações, começando pelo último. Parece-nos, aqui, que Bachelard parte de um ponto muito particular: desde os seus primeiros livros, está diretamente preocupado com as imagens e metáforas que povoam o pensamento científico. “Lutar contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas”³⁵ tornou-se seu lema. Acreditamos que, se de um lado, Bachelard encontrou rapidamente um mote que norteará seus trabalhos futuros dedicados à epistemologia e à história das ciências, ele só encontrará bem mais tarde, por outro lado, uma forma de analisar as imagens literárias. Apenas em seus últimos livros – **A Poética do Espaço** e **A Poética do Devaneio** – abandona a tentativa inicial de tratá-las como as ideias

³² FOUCAULT, op. cit., p. 153.

³³ FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005, p. 147.

³⁴ Ibid.

³⁵ Id. **A Formação do Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002, p. 40.

científicas, quando as colecionava conforme as relações com os quatro elementos (fogo, água, ar e terra). O próprio autor afirma isso em seus **Fragmentos**:

Ao amontoar as imagens dos poetas, acreditei durante muito tempo, acredito ainda um pouco, que num simples acolhimento eu poderia conhecer a liberdade de imaginar. [...] Com a imaginação das imagens literárias, eu tinha, portanto, um problema bem limitado, mas bem preciso, pois ele se colocava na própria fronteira das expressões renovadas, das expressões multiplicadas, jamais definitivas. Em breve, a literatura se tornou para mim um setor bem definido da imaginação ativa. Uma psicologia direta das imagens escritas poderia ser desenvolvida sem nenhuma referência à psicologia do escritor. Rompi com os hábitos da biografia intempestiva que nos faz crer que os poemas de Baudelaire foram escritos, poeticamente escritos pelo filho de sua mãe, na verdade, pelo enteado do general Aupick. O poema por si só – a imagem poética ela própria – tornou-se para mim um fenômeno psicológico digno de um estudo particular.³⁶

Bachelard, ao longo de seus estudos acerca da linguagem literária, viu-se frustrado ao tentar explicá-la do mesmo modo que as ideias científicas, utilizando-se de ideias para explicar as imagens. Por isso, afirma que *inventar ideias e imaginar imagens* são proezas bem diferentes, pois, enquanto as ideias estão sempre ligadas a um passado, as imagens não têm passado.³⁷ Dessa forma, o filósofo não teria encontrado, em sua obra dedicada à literatura – e contra sua própria vontade – a incompatibilidade entre a retórica e a literatura, ao tentar explicar a última pela primeira?

Podemos, de um modo bastante cuidadoso, aproximar o ponto de chegada de Bachelard ao ponto de partida de Foucault no que diz respeito à linguagem na literatura: a literatura surge quando a retórica desaparece. Não haveria, para Bachelard, uma maneira de analisar as imagens literárias/poéticas sem adentrar nelas próprias, independentemente das “servidões da significação”. As “oscilações do significante e do significado” mostraram-se muito restritas para o trabalho bachelardiano de analisar a riqueza das imagens literárias. Isso, em um primeiro momento, se aproxima da ideia de Foucault que, com o desaparecimento da retórica, a literatura torna-se obrigada a ter uma linguagem única, pois precisa, simultaneamente, contar a história e dizer o que é a literatura, sem haver uma separação nítida. Bachelard tenta, na própria linguagem desdobrada da literatura, captar a espacialidade e os ritmos da palavra literária.

³⁶ FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005, p. 27-28.

³⁷ Ibid., p. 29.

Entretanto, ambos realizam essa tarefa a partir de concepções filosóficas bastante distintas. Embora Bachelard e Foucault tenham sido leitores assíduos de Nietzsche, não será o caminho nietzschiano que servirá de base para as análises de ambos no que tange à literatura. Bachelard utiliza – como já foi mencionado anteriormente – conceitos da *psicanálise* e da *fenomenologia* para dar conta de capturar os instantes da criação poética e os ritmos da palavra literária. Desse modo, sua abordagem da literatura não destitui o uso das faculdades humanas – como a memória e a imaginação – como elemento-chave para a criação poética.

Ao analisar a poesia de Mallarmé – adentramos já no segundo ponto – ambos convergem, sem dúvida, ao concluírem que o poeta, ao repetir imagens, constrói um espaço próprio da linguagem na literatura. Seja no jogo literário entre a asa e o leque, seja na repetição da imagem da fênix para rimá-la, de modo imprevisível, com a palavra ônix, Mallarmé é o autor no qual um conjunto de filósofos durante o século XX – sobretudo franceses – se debruçou para tratar do espaço literário. A sua escrita, que desapruma qualquer relação lógica entre as palavras, tem sido o grande elemento para caracterizar a literatura. Nisso, tanto Bachelard quanto Foucault convergem. Contudo, ambos explicam essa característica da palavra literária de modos bem diferentes. Novamente, por mais que compreenda a autonomia da palavra na criação poética, por mais que compreenda as imagens escritas fora de uma psicologia do autor, Bachelard remete a criação poética ao uso livre das faculdades humanas, no ritmo descontínuo entre a memória e a imaginação. O homem é, para Bachelard, o ponto de partida e o de chegada da criação poética, por mais que ele tenha anunciado a sobre-humanidade na literatura.

Chegamos, por fim, ao primeiro ponto de nossas indagações: o da linguagem como espaço. Embora Foucault entenda que a linguagem é espacializada, de que não é possível depurar a linguagem de sua espacialidade para que possa emergir a duração pura, não acredita, por outro lado, na ideia de *instante* – defendida por Bachelard – como fundamental em sua análise da linguagem. Inclusive, Foucault questiona sua validade.³⁸ Ora, o instante é um elemento temporal que, bem ou mal, não é possível sem um arrebatamento da imaginação, um ato de criação. Não seria possível, para Bachelard, dissociar o instante da criação poética de uma *antropologia* que antecede à

³⁸ Ver, sobre esta questão: FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 58.

palavra, mesmo que a palavra alcance um *status* de sobre-humanidade quando posta em movimento pela imaginação poética.

6

É exatamente nesse aspecto que Foucault trata da emergência da literatura no século XIX: só é possível a emergência do “ser da linguagem” com a literatura, na medida em que ela rompe, ao mesmo tempo, com a função representativa da linguagem – centrada na relação entre significante e significado – e com uma *antropologia* como base de todo o conhecimento empírico. Não poderíamos concluir este breve estudo sem a tão anunciada expressão de Foucault em **As Palavras e as Coisas**: o “ser da linguagem”. Precisamos explicar, brevemente, que antropologia é essa que Foucault menciona em seu livro. É a antropologia como “analítica do homem”, que fundamentará todo conhecimento possível nos limites do próprio homem. Nas palavras de Foucault:

A configuração antropológica da filosofia moderna consiste em desdobrar o dogmatismo, reparti-lo em dois níveis diferentes que se apoiam um no outro e se limitam um pelo outro: a análise pré-crítica do que é o homem em sua essência converte-se na analítica de tudo o que pode dar-se em geral à experiência do homem.³⁹

É na resposta à pergunta “O que é o homem?” que se apoia o conhecimento empírico da realidade. O uso das faculdades humanas torna-se, destarte, a base e, ao mesmo tempo, o limite de toda empiricidade. Os conceitos e noções de Bachelard, da psicanálise à fenomenologia, não destronam o homem e o uso de suas faculdades como *leitmotiv* de toda a aventura do conhecimento. Por isso, Bachelard, apesar de ter anunciado a autonomia da palavra literária das “servidões da significação”, não desperta totalmente a linguagem de seu “sono antropológico”. Talvez – e à sua maneira – Bachelard tenha dado o primeiro anúncio de seu despertar.

Gostaríamos de concluir esse breve artigo com uma imagem que caberia bem repeti-la, dedicando-a a Bachelard. Nietzsche, em seu **Assim falou Zaratustra**, fala-nos do “último homem”, que será aquele que terá descoberto a felicidade.⁴⁰ Não seria

³⁹ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 472.

⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Rideel, 2005, p. 16.

Bachelard o “último homem” da literatura, pois procurava, na imaginação poética, o homem feliz?⁴¹



www.revistafenix.pro.br

⁴¹ BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 13.